

Estágio Curricular Supervisionado: o início de um percurso para a profissionalização docente

Alessandra Dutra Anastácio; Barbara Negrini Lourençon

Resumo: Este trabalho tem sua origem a partir de experiências proporcionadas pelo Estágio Curricular Supervisionado (ECS) desenvolvido no curso de Licenciatura em Matemática. Ao longo de um semestre houve espaço de observação e intervenção em turmas de 6º, 7º e 9º anos em uma escola estadual situada em Araraquara-SP. Tais experiências foram discutidas e ancoradas na disciplina de Prática Pedagógica V, ofertada no quinto semestre do curso de Licenciatura em Matemática do IFSP, espaço que garantiu a relação teoria e prática e a contextualização das situações do cotidiano escolar. O desenvolvimento dessa primeira etapa do ECS mostrou-se de grande valia para nossa formação e propiciou importantes reflexões acerca da função social da escola e do professor, reafirmando nossa escolha profissional. Têm-se como objetivo, portanto, trazer à análise experiências formativas do campo de estágio com vistas a demonstrar como este componente curricular obrigatório aos cursos de licenciatura tem importante contribuição à formação inicial do professor.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado. Formação Inicial de Professores. Profissionalização docente.

Linha Temática: Formação Inicial e Continuada de Professores

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada de professores, os professores brasileiros que almejam atuar na educação básica deverão ser formados em cursos de licenciatura, com duração mínima de 3.200 horas de efetivo trabalho acadêmico, organizados em no mínimo 8 semestres. Nesse período, devem contemplar 400 horas de prática como componente curricular; 400 horas de estágio supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica; pelo menos 2.200 horas dedicadas às atividades formativas prevendo conhecimentos do núcleo de estudos das áreas de atuação profissional, tanto específicos quanto pedagógicos, conforme o projeto de curso da instituição; e, com vistas ao enriquecimento curricular, 200 horas de atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos estudantes.

Destacamos aqui um desses itens como objeto de estudo: o estágio supervisionado. Como vimos, ele caracteriza-se como um componente curricular obrigatório à formação de professores. Interessa-nos discutir como tal componente, em conjunto com a Prática Pedagógica tem construído a relação teoria e prática, essencial à docência. É nesse contexto ainda que verificamos o desvelamento da identificação com a carreira docente, uma vez que o estágio supervisionado se revela como um espaço de descoberta e aprendizado da profissão para o licenciando, que, em sua formação inicial, passa a deixar o olhar de aluno para construir sua visão de profissional em formação. Há uma mudança importante nesse percurso, e a orientação e a supervisão do estágio são fundamentais para a constituição formativa desse componente, que deve ser de responsabilidade compartilhada entre Instituição de Ensino Superior (IES) e Escola Básica, uma vez que ambas estão a formar esse novo professor.

É nesse cenário que o presente trabalho traz suas contribuições, compartilhando as aprendizagens desenvolvidas no Estágio Curricular Supervisionado I, desenvolvido no primeiro semestre de 2018, no curso de Licenciatura em Matemática do Instituto Federal de São Paulo, Câmpus Araraquara. Para tanto lançaremos mão da pesquisa desenvolvida em cotidiano escolar, no decorrer do estágio, caracterizada pela pesquisa qualitativa que, segundo Chizzotti (2003) integra o campo transdisciplinar, à medida que aborda multimétodos de investigação buscando encontrar sentido para o fenômeno estudado. O recurso linguístico para socializar as aprendizagens é pautado em anotações do diário de campo da estagiária bem como em registros presentes em relatório de atividades de estágio.

Para tecer as considerações atinentes ao estágio e seu potencial formativo, é nosso intuito problematizar questões acerca do alcance do estágio na formação inicial de professores, tais como:

Qual o impacto das atividades de estágio supervisionado para a formação do licenciando? Como o estágio pode ser um espaço efetivo de descoberta e experimentação da profissão docente? Qual o papel da escola básica na formação de novos professores? Como o estágio pode se tornar um espaço de pesquisa? Essas questões norteadoras são tratadas no presente trabalho que apresenta inicialmente a escola-campo e sua estrutura, em seguida a sala de aula observada e o professor supervisor de estágio, a interação construída com os alunos e finalmente a avaliação da atividade de estágio supervisionado como espaço formativo da profissão docente.

2 PORTÃO ADENTRO: BOAS VINDAS À FUTURA PROFESSORA

O estágio tem em seu papel a importância inquestionável de possibilitar ao aluno licenciando vivenciar experiências no seu futuro ambiente de atuação, além de contribuir significativamente para o surgimento de momentos de reflexão. Tais reflexões, quando compartilhadas entre licenciandos, professor supervisor e docente orientador de estágio podem se tornar muito produtivas e alimentar a chamada práxis docente:

[...] a práxis, através da qual a consciência se transforma, não é pura ação, mas ação e reflexão. Daí a unidade entre prática e teoria, em que ambas se vão constituindo, fazendo-se e refazendo-se num movimento permanente no qual vamos da prática à teoria e desta a uma nova prática (FREIRE, 1981, p.109).

Verifica-se assim a relevância dos espaços articuladores das atividades de estágio na IES, quando prevê em seu projeto pedagógico de curso momentos que garantam a discussão e articulação do vivido no estágio em diálogo com o aporte teórico da área de conhecimento do licenciando bem como do conhecimento pedagógico, inerente à profissão.

É nesse movimento de integração entre o vivenciado na escola-campo e as leituras e discussões propiciadas na IES que desenvolvemos o cerne do presente trabalho. O Estágio Curricular Supervisionado I, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Matemática do IFSP – Araraquara prevê 100 horas de atividades de observação e intervenção em escola de ensino fundamental II. É a partir da chegada nessa escola-campo, na primeira experiência de estágio, que se constituem as reflexões aqui tecidas, que retomam os percursos de aluna que admirava seus professores, boas práticas docentes, e que, no momento revisita suas memórias para vê-la agora em outra posição, de professora em formação. É sob essa ótica que traremos as considerações acerca de uma escola estadual situada no município de Araraquara, interior de São Paulo.

3 QUE ESCOLA É ESSA?

A escola-campo oferece educação básica gratuita a partir do 6º ano do ensino fundamental até o último ano do ensino médio. O seu entorno conta com uma comunidade simples, mas que aparentemente não vivencia um quadro de pobreza extrema.

A fachada da escola não se apresenta em boas condições e seus muros e sua estrutura passam a impressão de uma instituição que "prende" seus alunos em seu interior, sendo responsável pela imposição de ordens e por discipliná-los a partir do controle, corroborando os escritos de Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*:

Acaso devemos nos admirar que a prisão celular, com suas cronologias marcadas, seu trabalho obrigatório, suas instâncias de vigilância e de notação, com seus mestres de normalidade, que retomam e multiplicam as funções do juiz, se tenha tornado o instrumento moderno da penalidade? Devemos ainda nos admirar que a prisão se pareça com as fábricas, com as escolas, com os quartéis, com os hospitais, e todos se pareçam com as prisões? (FOUCAULT, 1999, p.250).

Essa sensação denunciada por Foucault parece se reafirmar ainda mais quando nos deparamos no interior da escola com grades que separam cada ambiente para impedir que os alunos passem por eles.

A unidade escolar conta com infraestrutura diversa, contendo sala de informática, laboratório de química, sala de leitura, sala de arte, sala de vídeo e duas Salas de Recurso – voltadas aos alunos com necessidades específicas. Algumas dessas salas chegam a ficar fechadas e diversos alunos desconhecem a existência desses ambientes devido a pouca utilização. Entre as nove salas de

aula existentes, algumas não têm portas ou estão com as mesmas parcialmente quebradas. Existem latas de lixo orgânico e reciclável, contudo, a escola não permanece limpa, pois frequentemente encontra-se lixo no chão e o mato alto, ao redor da quadra, contribui para que o ambiente pareça descuidado. Com dois banheiros femininos e masculinos destinados aos alunos, apenas um de cada permanece aberto e não se encontram em bom estado, diferentemente do banheiro feminino/masculino utilizado por professores e outros servidores.

O diretor, vice-diretor, o coordenador e os professores possuem salas próprias que se localizam no térreo, juntamente com a secretaria, a cantina e com a sala de mediação, esta última é utilizada pelo coordenador/vice-diretor/diretor para tratar dos conflitos/problemas com alunos. Os locais onde ficariam os extintores de incêndio estão vazios.

A acessibilidade é bastante comprometida uma vez que as escadas são a única forma de acesso às salas de aula e quadra esportiva. Além disso, as paredes contam com pichações, principalmente nos banheiros, com expressões agressivas sendo direcionadas a outros alunos.

Em uma tentativa de minimizar alguns problemas que acontecem no interior da instituição, por meio da conscientização dos alunos, a escola tem quadros de recados para panfletos incentivando o não uso de drogas, a não violência, a necessidade de tratamento respeitoso entre todos na escola, a continuação dos estudos e até mesmo informações sobre acontecimentos de instâncias superiores como, por exemplo, sobre a possibilidade de opinar em decisões do governo do Estado, em uma tentativa de desenvolvimento de cidadania. Esses murais também são meio de comunicação para divulgação de trabalhos dos alunos sobre diversos temas.

4 A SALA DE AULA E SEUS AGENTES

É necessário inicialmente dizer que a falta de professores de diversas disciplinas é grande. Assim como em outras unidades escolares, há o quadro de professores efetivos de áreas específicas e o quadro de professores eventuais.

Os professores efetivos têm em sua maioria longos anos de carreira e trabalham também na rede municipal de ensino e por esse motivo estão sempre comparando as diferenças de qualidade e estrutura entre os sistemas. Mostram-se, com algumas exceções, profissionais que sofrem com o chamado "mal-estar docente". Estão insatisfeitos com suas condições de trabalho, cansados de suas longas jornadas de aula e frustrados por não conseguirem o respeito e a disciplina dos alunos, principalmente na escola em questão.

Esse sentimento está relacionado com vários fatores, entre eles a insatisfação com as condições em que se exerce a profissão e com os fracos resultados obtidos em relação ao grande investimento pessoal e profissional de cada um, o ritmo de trabalho e o barulho são as principais causas do cansaço na profissão, as dificuldades permanentes em recuperar fisicamente após um dia de trabalho. Outro grande fator é a indisciplina e a violência praticada por alunos que às vezes é considerada "insuportável", a que se seguem fatores como a pressão da administração ou a falta de condições materiais (SPIVAKOSKI, SD, p.7).

Em meio aos problemas que caracterizam o mal-estar docente, substituições na equipe gestora agravaram a situação no período de realização do estágio, levando a uma divisão entre os que apoiavam os que ocupavam os cargos anteriormente e passaram a não apoiar mais a gestão e os que são a favor dos novos diretores e coordenadores. Como consequência, muitos deles não trabalham juntos e não há a elaboração de projetos interdisciplinares na escola. O prejuízo recai sobre a formação do aluno, sujeito que deveria ser priorizado nesse processo formativo.

Um outro ponto a ser destacado é que esses professores, por falta de verba disponibilizada à escola, tiram dinheiro do próprio bolso para, por exemplo, imprimir as provas para que os alunos não precisem copiá-las, fazem rateio com despesas de café e açúcar para o intervalo entre as aulas e ainda pagam as bolinhas de "ping-pong" para que os alunos possam se divertir na hora do intervalo.

Além disso, a outra situação que envolve alguns professores da escola é o problema das faltas. Diversas vezes, faltam em um mesmo dia, de quatro a cinco professores, de forma que, mesmo quando estão todos os eventuais presentes, algumas salas ficam sem aula. Raramente têm-se um dia em que os alunos não tenham "janelas" como consequência da falta de professores.

Quando se trata dos professores eventuais algumas questões podem ser discutidas. Em primeiro lugar temos o fato de que esses profissionais são colocados para atuar como professores de diversas disciplinas e muitas vezes são chamados de última hora para fazer a substituição do professor efetivo, tornando assim a preparação das aulas impossível e como consequência desses fatores passam a ser meramente a pessoa que mantém os alunos dentro da sala de aula no período em que não teriam o professor efetivo. Em segundo lugar, como reação direta ao que foi dito anteriormente, cria-se nos alunos uma resistência em relação a esses eventuais, pois não é estabelecido um vínculo afetivo entre ambos.

4.1 O professor e sua prática

Quanto à observação da prática docente, podemos destacar a professora responsável pelos 6º anos A e B e pelo 9º ano A. Utiliza de aulas tradicionais para ensinar a disciplina, com conteúdo colocado em lousa e em seguida explicado sem que possa haver intervenções por parte dos alunos, em seguida exercícios de fixação são aplicados sobre o conteúdo visto. Costuma propor avaliações ao fim de cada assunto ensinado ao longo do semestre além de contagem dos "vistos" no caderno como instrumento a mais para nota, o que possibilita que o aluno se recupere ao longo do período. Além disso, como estratégia para chamar atenção dos alunos para as aulas, uma aula antes da avaliação sobre o conteúdo anterior traz desenhos para os alunos pintem, pois, os mesmos disseram que gostam dessa atividade e então foi feito um combinado no qual se eles colaborarem com as aulas, prestando atenção e fazendo as atividades, ela faria sempre esse dia de atividade diferenciada. Utiliza mapa de sala para conseguir um pouco de silêncio das turmas, principalmente dos 6ºanos e é importante ressaltar que constantemente tira um tempo da aula para tratar de assuntos como sexo e drogas devido a acontecimentos na escola que envolvem esses temas.

A segunda professora observada, responsável pelos 7º anos A e B, utiliza-se de aulas tradicionais, mas sempre incentiva a participação dos alunos nas aulas. Em suas aulas são comuns atividades lúdicas de recorte e colagem, pintura como ferramenta para o ensino de matemática para demonstração de conceitos matemáticos. Propõe diversos instrumentos avaliativos, fazendo antes de toda "prova" uma revisão para que os alunos possam tirar as dúvidas que ainda restaram sobre o conteúdo. É importante salientar que o domínio do conteúdo matemático que a mesma possui faz com que, ao ver uma necessidade na sala, ou ao ser indagada a respeito de um tema sobre a disciplina, consiga, mesmo sem ter planejado, ir além em relação às atividades que estavam propostas.

4.2 Os alunos

Têm-se na escola alunos com realidades diversas. Alunos que vivem em uma situação econômica extremamente difícil, a ponto de, por exemplo, só possuírem material escolar devido a disponibilização do quite escolar do Estado e alimentação apenas a partir da merenda da escola. Além disso, a estrutura familiar e o incentivo ao estudo por parte dos pais tornam a diversidade entre os alunos ainda maior. Há aqueles que têm a presença dos pais no dia-a-dia, contudo não se pode afirmar o mesmo sobre a grande maioria deles. Alguns deles passam o dia com outra pessoa da família por motivos de trabalho dos pais, outros por motivo de não os possuírem por razões diversas e até mesmo por terem os pais cumprindo pena por algum crime. Em decorrência dessas afirmações, encontramos uma escola que tem grande parte dos alunos com problemas de comportamento e com o agravante do uso drogas desde cedo.

É comum situações onde, por exemplo, o aluno enfrenta o professor verbalmente, não aceitando ser contrariado. Usam drogas dentro da escola, colocam fogo nos latões de lixo. E de forma mais grave, há alunos que pararam de frequentar a escola em razão de terem sido privados de liberdade, estando hoje na Fundação Casa.

Falando especificamente dos alunos dos 6º anos A e B, 7º anos A e B e do 9º ano A, que foram os alunos observados durante o estágio, podemos apontar diversas questões.

Nos 6º anos é relevante destacar o quadro de não alfabetização de alguns alunos. Em ambas as salas há alunos que não desenvolveram a competência leitora e escritora, assim como não desenvolveram a habilidade de executar as operações matemáticas básicas. Alguns outros alunos desenvolveram parcialmente essas mesmas habilidades, apresentando em sua maioria dificuldade com a operação de divisão.

Nessas turmas há alunos com deficiência intelectual. A professora responsável por essas salas, vez ou outra tenta trazer uma atividade diferenciada para alguns deles, contudo, com outros em que a defasagem na aprendizagem é muito grande, ela já abriu mão, principalmente pelo fato de acreditar que a dificuldade em ler e escrever dificulta ainda mais a aprendizagem matemática envolvendo situações problemas.

Existem alunos que, por terem pais que reconhecem a importância dos estudos na vida dos filhos, se destacam. Dentre esses está uma aluna com deficiência intelectual que possui um ótimo rendimento escolar e que a professora credita o bom desempenho ao esforço dos pais. Apesar de não ser determinante para o desempenho escolar, o interesse e empenho da família no contexto escolar são de fato relevantes, pois

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva (DESSEN; POLONIA, 2007, p.02).

Nos 7ºanos as questões latentes são outras. Os diferentes contextos sociais dos estudantes trazem desafios ao ambiente. Três alunos de uma das salas sempre se recusam a fazer as atividades propostas, desafiando o professor. Dentre eles está uma aluna que frequentemente desrespeita funcionários, rabisca as paredes da escola. ameaça outros alunos de forma que os professores assumiram uma postura defensiva em relação a ela por medo, pois segundo eles, a mesma convive com o crime diariamente.

A dificuldade de aprendizagem da sala tem raiz no desinteresse pela escola, pela falta de atribuição de significado para ela. Frequentemente, a professora de Matemática dessas turmas propõe atividades diferenciadas para chamar a atenção dos alunos, propondo, por exemplo, demonstrações matemáticas feitas de forma lúdica, utilizando dobradura, recorte e colagem. De maneira geral os alunos possuem uma resistência em atender aos pedidos da professora, conversam alto, e se distraem facilmente durante a aula.

Com relação ao 9º ano, os problemas com drogas são evidentes. Alguns alunos, ao entrarem em sala de aula, cheiram a maconha e entre eles há um que, segundo relatos da professora, já chegou a estar presente em sala de aula transtornado pelos efeitos da droga. Mais da metade dessa sala não possui perspectiva para a continuação dos estudos, passam o tempo na escola por obrigação e são desinteressados na maioria das matérias, inclusive em Matemática. Contudo, respeitam a professora dessa disciplina e, em alguns momentos, realizam as atividades propostas por ela em razão da aproximação que ela mantém com a turma, sempre por meio de diálogos. Alguns alunos dessa sala repetiram diversos anos anteriores e estão prestes a completar 18 anos.

Os alunos que se destacam nesta sala sentem-se desmotivados, pois afirmam que possuem dificuldade para acompanhar as aulas em razão da conversa e do descomprometimento da sala com as atividades e que, além disso, são obrigados, por ser uma minoria, a seguir o ritmo da mesma sendo que podiam avançar mais rapidamente no conteúdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente em curso foi ressignificada com o desenvolvimento das atividades do Estágio Curricular Supervisionado I. Mesmo conhecendo diversas escolas ao longo da vida escolar, o olhar agora direcionado pela atividade de estágio foi outro, marcado pelo exercício da observação. Mas não de qualquer lugar. Foram diversas expectativas que, conforme explica Lima (2012, p.61), estavam agora delineados pela intencionalidade pedagógica.

Ver, olhar, reparar, verbos que se completam carregando uma dimensão gradativa e que remetem ao que chamamos de 'olhar de observação', direcionado por uma intencionalidade pedagógica.

O que observar na Escola em movimento? Estamos falando de uma postura atenta, para além das paredes e demais estruturas físicas, objetos, estatísticas e documentos da instituição. É o olhar demorado sobre os fatos, nexos e relações que se

estabelecem no movimento das pessoas para descobrir os fenômenos embutidos nos fatos aparentemente corriqueiros ou comuns as particularidades e detalhes do fenômeno estudado.

Esse olhar curioso e demorado para o cotidiano escolar foi que propiciou reflexões a partir do que para muitos pode parecer corriqueiro. Olhar para essa unidade escolar como única, com sua identidade própria e querer conhecer seus sujeitos levou-nos a construir momentos de reflexão sobre questões extremamente relevantes como o papel social do professor, a importância da família no desenvolvimento escolar dos alunos, a indisciplina como um acusador de problemas emocionais, familiares e da necessidade de mudança da prática utilizada pelo professor, contribuindo de maneira significativa na formação inicial para docência.

Entender assim o estágio enquanto campo de conhecimento permite que o mesmo seja também espaço de pesquisa, propiciando que o ali experienciado seja articulado às discussões propostas nos demais componentes curriculares do curso de licenciatura, dando sentido à relação teoria e prática. Uma das questões mais efervescentes da unidade escolar, o uso de drogas pelos alunos, fez com que elaborássemos um projeto interdisciplinar visando o combate às drogas.

O aprendizado proporcionado dentro da escola-campo foi além do esperado já que, apesar do estagiário não ser o responsável pelas salas de aula e pelos desafios enfrentados pelo professor dentro delas, foi possível, numa perspectiva de alteridade, colocar-se no lugar do docente de forma a pensar sobre os desafios e possibilidades de ação frente a situações semelhantes que provavelmente enfrentaremos no futuro profissional.

Inserir-se em uma escola onde os problemas e os desafios são complexos e diversos, em um primeiro momento foi impactante e trouxe inquietações sobre a capacidade de lidar com esse cenário, mas, ao final da experiência, as contribuições para formação docente mostraram-se valorosas e decisivas para o desenvolvimento da criticidade em relação à aprendizagem da docência e à formação cidadã do aluno que almejamos alcançar.

Esse foi apenas o primeiro estágio. Que o nosso olhar atento e aguçado permaneça alerta nos próximos estágios, para que, sobretudo, saibamos identificar e aproveitar as boas situações de aprendizagem. Afinal, a jornada da aprendizagem profissional está apenas começando!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1º de julho de 2015. Brasília. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=02/07/2015&jornal=1&pagina=8&totalArquivos=72>.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2003.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, 2007, 17(36), 21-32.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. 20ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: http://escolanomade.org/wpcontent/downloads/foucault_vigiar_punir.pdf> Acesso em: 13/06/2018

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

SPIVAKOSKI, Lorimar Salete Sartor. Mal Estar Docente: prevenção e políticas públicas. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_lorimar_salete_sartor_spivakoski.pdf Acesso em: 09/07/2018.